

# Juventudes indígenas intermediadas por mudanças ambientais, violações e resistências

## *Indigenous youth mediated by environmental changes, violations and resistance*

Carina Catiana Foppa<sup>1</sup>

Liz Meira Goés<sup>2</sup>

Francilene de Aguiar Parente<sup>3</sup>

Doi: <https://doi.org/10.20435/tellus.v26i55.1009>

**Resumo:** Este artigo problematiza como a produção acadêmica nacional e internacional relaciona as juventudes indígenas às mudanças climáticas e ambientais e de que maneira elas resistem e se organizam em processos interculturais de ligação ancestral com a terra, a fim de questionar o sistema mundo-moderno-colonial. A sistematização de pesquisas divulgadas em artigos revisados por pares no continente norte-americano, na América Latina, na África, na Europa, na Ásia e na Oceania evidencia a estreita relação entre as mudanças ambientais e climáticas e a educação, saúde, a resiliência e os processos sociohistóricos e políticos. Tais estudos revelam que as juventudes indígenas, em diferentes contextos continentais, compartilham desafios comuns decorrentes da persistente invisibilização da interseccionalidade entre relações étnico-raciais, geracionais e as pautas ambientais.

**Palavras-chave:** povos indígenas; mudanças ambientais; educação intercultural.

**Abstract:** This article examines how national and international academic production relates Indigenous youth to climate and environmental change, and how they resist and organize themselves in intercultural processes of ancestral connection with the land, in order to question the modern-colonial world system. The systematization of research published in peer-reviewed articles in North America, Latin America, Africa, Europe, Asia, and Oceania highlights the close relationship between environmental and climate change and education, health, resilience, and socio-historical and political processes. These studies reveal that Indigenous youth, in different continental contexts, share common

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

<sup>2</sup> Comissão Guarani Yvyrupa, São Paulo, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Pará (UFPA), Altamira, Pará, Brasil.

challenges stemming from the persistent invisibility of the intersectionality between ethnic-racial and generational relations and environmental issues.

**Keywords:** original people; environmental changes; intercultural education.

## 1 INTRODUÇÃO

*Meu nome é Txai Surui, eu tenho 24 anos, mas meu povo vive na Floresta Amazônica há mais de 6 mil anos (Surui, 2021).*

A fala da jovem indígena do povo Suruí, fundadora do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia, na abertura da Conferência da Cúpula do Clima (COP 26), realizada na Escócia, em 2021, demarca as vozes dos povos indígenas e suas formas de apresentar respostas às mudanças ambientais e climáticas que atingem o século XXI em escala global, além de evidenciar a intersecção entre a juventude e os marcadores de etnicidade nessas pautas.

No Brasil, a diversidade de mais de 300 povos distribuídos em todas as regiões do país, contorna amplitude desafiadora, atravessada por embates territoriais, disputas judiciais e processos de auto organização. As reivindicações históricas dos povos indígenas no campo da Educação (Luciano, 2006), concretizadas com as Políticas de Ações Afirmativas (Brasil, 2012), desacomodam epistemologias desenhadas hegemonicamente para objetificação desses grupos sociais, os quais, com protagonismo, remodelam os processos de pesquisa e extensão (Cruz, 2017) em diferentes campos do conhecimento.

Este artigo objetiva problematizar como a produção acadêmica relaciona as juventudes indígenas às mudanças climáticas e ambientais, à luz de abordagens que abordam a hegemonia do conhecimento ocidental, reivindicadas por grupos historicamente vulnerabilizados, que, com protagonismo, questionam o sistema mundo-moderno-colonial, suas formas de produção de conhecimento, a relação com a natureza e resistem com suas próprias formas de aprender e ensinar (Walsh, 2009; Escobar, 2016; Backes, 2018).

Na primeira seção, situamos como as juventudes indígenas têm sido afetadas e como resistem e se organizam com processos interculturais e de vínculos ancestrais com a terra. Na sequência, um retrato espaço-temporal das pesquisas realizadas no mundo é apresentado para compor categorias temáticas, vozes e

expressões reivindicadas pelas juventudes indígenas, seja por investigações por elas próprias conduzidas, seja na condição de sujeitos/objetos da pesquisa. Por fim, na última seção, direcionam-se perspectivas para o contexto brasileiro.

## **2 JUVENTUDES INDÍGENAS, ELOS INTERGERACIONAIS DE CONHECIMENTOS, VIOLAÇÕES E RESISTÊNCIAS**

No momento da escrita deste artigo, Nhandesy Sebastiana e Nhanderu Rufino, casal indígena Kaiowá, morador de Aral Moreira, Mato Grosso, foram queimados na casa de rituais, somando mais um dos casos de violência contra povos indígenas no Brasil. No relatório elaborado pela Kuñangue Aty Guasu e pelo Observatório da Kuñangue Aty Guasu (O.K.A) sobre os casos de violência e intolerância religiosa contra os povos indígenas, é mencionado que “[...] as marcas dessa violência estão impregnadas na vida da comunidade, com destaque para os jovens que vivenciaram o ataque criminoso e carregam as sequelas traumáticas dessa experiência” (Kuñangue Aty Guasu; O.K.A., 2022, p. 40).

A violência colonial tem atingido múltiplas esferas da vida, desde a exploração das terras com a expulsão dos povos que nelas vivem, a destruição das florestas, a perda de biodiversidade, as extinções de espécies e a contaminação dos rios. A prática da violência ecocida, etnocida e epistemicida é a expressão da própria ideologia colonial que a orienta (Núñez, 2021).

Com a mudança ambiental global, as juventudes indígenas enfrentam o desafio, talvez mais do que no passado, de integrar a sabedoria das gerações passadas com a realidade do presente (Kimmerer; Lake, 2001). Em meio às inúmeras disputas pelo reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, têm emergido diversas expressões de juventudes indígenas que a reconhecem ou convivem internamente com ela, no sentido de perceber a diversidade de simbolização entre povos e no interior de cada grupo (Igreja; Oliveira, 2019).

Isso tem potencializado os processos organizativos desses grupos, como elo intergeracional entre tradições e inovações culturais, tanto no sentido de reivindicar, quanto de reinventar, os direitos da juventude (Oliveira, 2017). No contexto da educação indígena, ocorre a inserção de uma categoria nova, a juventude indígena (Oliveira, 2019), compreendida como uma “categoria em construção” (Rangel, 2014).

A mudança entre gerações impulsiona o avanço do conhecimento e a prática ambiental (Ingold, 2000). Cada geração redescobre seu conhecimento cultural e combina o que é lembrado no passado com o que é experimentado no presente. As juventudes indígenas realizam a defesa de seus conhecimentos ancestrais e, ao mesmo tempo, impulsionam mudanças para resistir aos ataques que ocorrem no presente. O conhecimento indígena é cumulativo e dinâmico (Berkes, 1999) e está aberto à incorporação de outros elementos que visam, principalmente, a redução de vulnerabilidades, geralmente impostas pelos desafios do mundo ocidental.

A lógica do monoculturalismo das instituições ocidentais europeias do conhecimento, no contexto de América Latina, tem sido reafirmada como formas de colonialidade ainda imperante, na qual as instituições se centram no padrão de dominação do homem branco europeu (Quijano, 2005). Na obra de Aracy Lopes da Silva, Nunes e Macedo (2002) contribuições significativas sobre os “centrismos” (etnocêntrico, eurocêntrico, adultocêntrico), bem como a predominância de estudos sobre crianças em contextos urbanos, permeiam críticas à ausência de pesquisas em contextos indígenas e que garantam às crianças e aos jovens o direito de serem interlocutores dessas investigações.

No Brasil, as escolas acabam recorrendo às interpretações do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) sem considerar o etnocentrismo desses conceitos, orientados pelo pensamento ocidental, e o fato de que, até 2009, no ECA, não havia menção à criança indígena (Nascimento, 2014). As fases da vida de crianças e jovens não podem ser pensadas como universais, na medida em que se apresentam como plurais e diversas (Zucchetti; Bergamaschi, 2007). As categorias “juventude” e “indígena” variam de acordo com a cosmologia de cada grupo e se confrontam com definições hegemônicas resultantes da confluência assimétrica de diferentes agências, como Estados nacionais, organizações multilaterais ou organizações não governamentais (Causa; Stela, 2017).

As epistemologias indígenas sofrem historicamente com as tentativas de “apagamento” promovidas pelas colonialidades, do saber, do ser, do poder e da natureza, sustentadas pela crença na superioridade do saber ocidental e pelo repúdio a outros conhecimentos, em nome dos valores da modernidade ocidental (Mignolo, 2004; Quijano, 2005). Ailton Krenak (2019) ressalta a forma ocidental de perceber a natureza, que se configura como um assalto à concepção indígena

quando se apresenta “o mito da sustentabilidade”, ao mesmo tempo em que o mundo é visto como recurso, devorando florestas, montanhas e rios. Davi Kopenawa descreve os brancos como “povo da mercadoria”, referindo-se à forma como percebem o mundo das coisas e das pessoas (Kopenawa; Albert, 2015).

As cosmovisões indígenas apontam saídas para enfrentar as mudanças ambientais e climáticas em curso. Mudar a matriz de pensamento envolve uma discussão não disciplinar, e os povos indígenas fazem parte da solução. Considerar as juventudes indígenas neste cenário, contudo, ainda é um grande desafio.

### **3 AS JUVENTUDES INDÍGENAS NO CONTEXTO ACADÊMICO NACIONAL E INTERNACIONAL**

Com base em uma revisão sistemática realizada nas bases Scopus, Web of Science e Scientific Electronic Library Online (SciELO), foram selecionados 103 artigos revisados por pares, publicados até 2020, a partir dos seguintes descritores de busca: “Jovens Indígenas OU Juventude Indígena” (SciELO), e “Indigenous Youth” e “Youth AND Biodiversity OR Climate Change” (Scopus e Web of Science). Foram identificadas pesquisas realizadas na América do Norte e México (48)<sup>4</sup>, América do Sul (26), Oceania (10), África (07), Europa (04) e Ásia (03), além de sete (07) artigos sem recorte territorial ou étnico, oriundos de pesquisadoras(es) do Brasil, Noruega, Nova Zelândia, Canadá, EUA e Indonésia. Os países com maior número de pesquisas foram Canadá (17) e Estados Unidos da América (EUA) (17). Também foram identificadas pesquisas em áreas transfronteiriças entre EUA, Canadá, México e região do Ártico (04). No total, 24 países foram mencionados nas pesquisas, realizadas entre os anos de 1983 e 2020 (Quadro 1). Para o contexto brasileiro, foram identificados quatorze (14) artigos, abrangendo nove (9) povos: Xavante, Kamaiura, Cashinahua, Parakanã, Machineri, Apurinã, Xakriabá, Guarani e Kaingang.

---

<sup>4</sup> O México foi contabilizado junto à América do Norte, em razão da presença de artigos transfronteiriços vinculados ao contexto desse continente no conjunto da revisão, embora também pudesse ser classificado como parte da América Latina.

Quadro 1- Pesquisas relacionadas às juventudes indígenas, por continente, entre 1983 e 2020

<b>América do Norte e México - 45 artigos</b>
<b>Canadá</b> - Brook <i>et al.</i> (2009); Crooks <i>et al.</i> (2010); Miller, Davidson-Hunter e Peters (2010); Swanson (2010); Prno <i>et al.</i> (2011); Peace e Myers (2012); Davison e Hawe (2012); MacDonald <i>et al.</i> (2013); Gill e Lantz (2014); MacDonald <i>et al.</i> (2015a); MacDonald <i>et al.</i> (2015b); Gerin-Lajoie <i>et al.</i> (2018); Lines, Yellowknives Dene First Nation Wellness Division e Jardine (2019); Henri <i>et al.</i> (2020). <b>EUA</b> - Hamilton e Seyfrit (1993); Fienup-Riordan (2003); Lee (2009); McCarty <i>et al.</i> (2009); Ikuta (2010); Sherman, Van Lanen e Sherman (2010); Flint <i>et al.</i> (2011); Cerecer (2013); Kulis <i>et al.</i> (2013); Wexler <i>et al.</i> (2013); Wyman (2013); Wexler (2014); Wexler <i>et al.</i> (2014); McCarty e Lee (2014); Garrett <i>et al.</i> (2014); Black, Milligan e Heynen (2016); Wexler <i>et al.</i> (2017). <b>México</b> - Baronnet (2008); Muehlmann (2008); Urteaga (2008); Guitart, Damián e Daniel (2011); Cru (2015); Morales (2015). <b>Ártico</b> - Ulturgasheva <i>et al.</i> (2014). <b>Mais de um país</b> - McCarty e Wyman (2009); Walls e Whitbeck (2012); Melville (2014); Robson <i>et al.</i> (2020).
<b>América do Sul - 26 artigos</b>
<b>Brasil</b> – Teixeira, Santos e Oliveira (2009); Virtanen (2006, 2010); Scalco e Rodrigues (2013); Gerken <i>et al.</i> (2014); Welch (2014, 2015); Vitti e Junqueira (2015); Mindlin (2016); Angelin, Zoltowski e Teixeira (2017); Profice e Santos (2017); Oliveira (2020); Aoyagi, Kovacic e Baines (2020); Iruretagoyena (2020). <b>Chile</b> - Webb (2013, 2014); Rapimán <i>et al.</i> (2016); Webb e Sepulveda (2020). <b>Argentina</b> - Petit (2013); Ossola (2013, 2018). <b>Peru</b> - Espinosa (2012). <b>Bolívia</b> - Lora (2012). <b>Colômbia</b> - Tenorio (2011). <b>Equador</b> - Lu <i>et al.</i> (2014). <b>Mais de um país</b> - Vásquez (2013).
<b>Oceania - 10 artigos</b>
<b>Austrália</b> - Pounder (1983); Morgan e Waren (2011); Kral e Heath (2013); Kral (2011, 2014); Brown (2019). <b>Nova Zelândia</b> - Stuart e Jose (2014); Lilley (2014). <b>Ilhas Salomão</b> - Gegeo e Watson-Gegeo (2002). <b>Micronésia</b> - Flinn (1992).
<b>África - 7 artigos</b>
<b>Nigéria</b> - Alhassan (2012); Ezeomah e Farag (2016). <b>África do Sul</b> - Swemmer e Taljaard (2011); Theron <i>et al.</i> (2020). <b>Guiné-Bissau</b> – Sousa e Luz (2018). <b>Quênia</b> – Omolo e Mafongoya (2019). <b>Camarões</b> – Bobo, Aghomo e Ntumwel (2015).
<b>Europa - 4 artigos</b>
<b>Noruega</b> - Bals <i>et al.</i> (2011); Nystad, Spein e Ingstad (2014). <b>Bulgária</b> - Dimitrova <i>et al.</i> (2013). <b>Rússia</b> - Crate (2006).
<b>Ásia - 3 artigos</b>
<b>Índia</b> - Bang <i>et al.</i> (2013); Chaudhuri (2017). <b>Nepal</b> - Gentle e Thwaites (2016).
<b>Sem recorte territorial e/ou étnico - 9 artigos</b>
Allen <i>et al.</i> (2012); Chandler (2013); Smith, DuBois e Krasny (2016); O'Brien, Selboe e Hayward (2018); Yunita, Soraya e Mryudi (2018); Freeman (2019); Oliveira (2019); Treves, Santiago-Ávila e Lynn (2019); Bandura e Cherry (2020).

Fonte: elaborado pelas autoras.

A sistematização dos artigos resultou no agrupamento temático em quatro categorias didáticas: i) *Território* (48), ii) *Educação e Saúde* (23); iii) *Linguagens* (20) e iv) *Inter-geracional* (12), com subtemas transversalizados entre as quatro categorias (Figura 1).

Na categoria Território, os estudos tratam das migrações, relações com os ambientes urbanos, impactos da exploração de recursos naturais, os conhecimentos ecológicos, a relação com os anciãos e a terra, ancestralidade, a resiliência, a participação de jovens em projetos e pesquisas e o monitoramento participativo e suas respectivas metodologias. Eles envolvem Canadá (14), EUA (07), Brasil (05), México (02), Índia (02), África do Sul (02), Quênia (01), Guiné-Bissau (01), Nigéria (01), Equador (01), Noruega (01), Nepal (01) e contextos transfronteiriços (México-EUA-Canadá e Ártico) (02).

Figura 1- Agrupamentos temáticos das pesquisas envolvendo juventudes indígenas



Fonte: elaborada pelas autoras.

No grupo Educação e Saúde, pesquisas realizadas nos EUA (04), Canadá (04), Brasil (02), Chile (02), Argentina (02), Nova Zelândia (02), México (01), Colômbia (01), Bolívia (01), Noruega (01), Bulgária (01), Micronésia (01) e Austrália (01) abordam a frequência e desempenho escolar, políticas assimilacionistas, liderança e identidade, linguagem e cultura, migrações e deslocamentos, relações

ancestrais, negação dos conhecimentos tradicionais, propostas de formação e bem estar. Na categoria Intergeracional, as pesquisas envolveram os EUA (02), Brasil (02), Camarões (01), Rússia (01), Ilhas Salomão (01), Chile (01) e contextos transfronteiriços entre México e EUA (01). Já na categoria Linguagens, os estudos concentram-se nos EUA (05), Brasil (05), Austrália (05), México (02), Argentina (01), Chile (01), Nigéria (01) e América do Norte (01). Esses trabalhos envolvem o debate crítico em torno das línguas indígenas e das complexas influências incidentes, como migração e colonialismo. O repertório inovado por jovens indígenas em torno da música, das artes e de outras performances, bem como do uso das mídias sociais, apresenta-se como caminho de resistência e valorização dos conhecimentos, além de contribuir para a revitalização de suas língua(gens) e para o fortalecimento dos vínculos com anciãos e com a terra.

As pesquisas sem localização geográfica abordaram o reexame das práticas de pesquisas e das relações com crianças e jovens de comunidades originárias, os cânones de métodos de pesquisa e a necessidade de novas perspectivas conceituais (Allen *et al.*, 2012). O ensaio de Chandler (2013) argumenta sobre as circunstâncias de transição dos jovens que crescem em tempos de mudanças dramáticas, como refugiados, imigrantes e jovens indígenas, que enfrentam e evitam sucessivas ondas de tempestades pós-coloniais. As pesquisas que não incluíram os povos indígenas abordaram os movimentos de justiça migrante e de resistência às mudanças climáticas (Black; Milligan; Heynen, 2016), tipologias para compreender a dissidência juvenil expressa através do ativismo climático (O'Brien; Selboe; Hayward, 2018), a inexistência da participação de grupos de jovens em conferências/fóruns internacionais relacionadas às florestas (Yunita; Soraya; Mryudi, 2018), as relações de não humanos e as futuras gerações, em uma perspectiva de equidade intergeracional que propõe o afastamento do antropocentrismo (Treves; Santiago-Ávila; Lynn, 2019), e as mídias sociais como instrumento que fornece bases para um poderoso movimento ambiental juvenil, à luz da teoria sociocognitiva (Bandura; Cherry, 2020).

## **4 MUDANÇAS AMBIENTAIS TRANSVERSAIS À EDUCAÇÃO E SAÚDE DAS JUVENTUDES INDÍGENAS**

A correlação entre ancestralidade, conexão com a terra, anciãos, conhecimentos ecológicos tradicionais e a resiliência das juventudes indígenas torna-se mais complexa quando se adiciona a transversalidade com educação, saúde e os diversos contextos de vulnerabilidade. As abordagens de pesquisa, majoritariamente de viés disciplinar, ainda se mostram limitadas para demonstrar as interconexões entre saúde, educação e dimensões territoriais das juventudes indígenas. Optamos em apresentar o panorama das pesquisas por continente, considerando aproximações geográficas que delineiam especificidades em termos de mudanças ambientais e climáticas. As limitações da generalização estão postas, tendo em vista a realidade de cada grupo étnico e seus contextos histórico, sociopolítico e ambiental. Entretanto, tais limitações podem ser tensionadas pelo retrato de experiências, lutas, superação e sofrimentos, nos quais as juventudes indígenas estão envolvidas do Norte ao Sul Global.

### **4.1 No contexto da América do Norte**

Na região do Ártico do continente norte-americano, as condições de gelo mais finas e padrões climáticos imprevisíveis evidenciam o maior investimento em pesquisas e alianças entre diferentes esferas do Estado, comunidades e investigadores, com o objetivo de possibilitar que os jovens desenvolvam as competências para se tornarem líderes no futuro herdado da geração atual (MacDonald *et al.*, 2013).

Anciãos e sucessivas gerações dos EUA cresceram em contextos socioeconômicos e políticos distintos, e os jovens percebem a perda de relacionamentos íntimos como um estressor recorrente (Wexler *et al.*, 2013). A ancestralidade e a conexão com a terra foram afetadas pela colonização, ao mesmo tempo, observam-se esforços de fortalecimento cultural por meio do vínculo ancestral com a terra e dos conhecimentos que potencializam a resiliência social das juventudes, promovendo bem estar (Freeman, 2019). Anciãos solicitam investimentos na formação de jovens em ciências, no envolvimento em pesquisas sobre a vida selvagem, no gerenciamento de incêndios e na integração do conhecimento ecológico local ao conhecimento científico (Brook *et al.*, 2009; Miller; Davidson-Hunt; Peters,

2010). Por sua vez, os jovens destacam preocupações com o bem estar dos idosos decorrentes das mudanças ambientais e climáticas (MacDonald *et al.*, 2013).

Os padrões de resiliência são mais flexíveis em relação às ecologias sociais quando os jovens são culturalmente fundamentados em: i) uma base cultural que envolve o cuidado com os outros, ii) a retribuição à comunidade, iii) o fortalecimento das redes de parentesco, as quais iv) mediam o acesso aos bens culturais e materiais (Wexler *et al.*, 2014). Os jovens Inuit, por exemplo, foram identificados como uma população em risco, com impactos na saúde mental e no bem-estar. Os fatores de proteção incluem: i) estar na terra; ii) conexão com a cultura Inuit; iii) comunidades fortes; iv) relacionamentos com familiares e amigos; e v) manter-se ocupado (MacDonald *et al.*, 2015b). Esses jovens percebem respostas emocionais intensas relacionadas ao clima e desenvolvem estratégias próprias de adaptação (MacDonald *et al.*, 2013). O parentesco influencia igualmente a resiliência juvenil no contexto estadunidense (Wexler *et al.*, 2013).

No Canadá, as pesquisas envolveram, além dos Inuit (MacDonald *et al.*, 2013; MacDonald *et al.*, 2015b; Carter *et al.*, 2019), jovens das comunidades de Sahtu (Brook *et al.*, 2009), Pikangikum (Miller; Davidson-Hunt; Peters, 2010), Kugluktuk em Nunavut (Prno *et al.*, 2011), Tâîchô (Davison; Hawe, 2012). A ancestralidade e a conexão com a terra evidenciam os vínculos entre os membros da comunidade local e o ecossistema circundante (Sherman; Van Lanen; Sherman, 2010). Mesmo quando os jovens demonstram aspirações de trabalho e/ou estudo que implicam deixar temporariamente suas comunidades, a forte conexão com a comunidade e com as florestas locais permanece evidente (Carter *et al.*, 2019).

A presença de financiamento de projetos comunitários permite que os jovens se reconectem com os mais velhos e ampliem sua consciência sobre as alterações climáticas e a saúde (Peace; Myers, 2012). À participação de jovens em pesquisas, projetos e programas associa-se o debate sobre a necessidade de que essas iniciativas sejam aderentes aos interesses locais, promovam a co-criação e o refinamento de ferramentas de documentação de conhecimentos, incluam vínculos culturais dos jovens como cofacilitadores, realizem validações de resultados e exercícios de compartilhamento, além de estarem abertos à construção de relações pessoais (Carter *et al.*, 2019). Pesquisas colaborativas entre pesquisadores e membros de diferentes comunidades indígenas permitem aos

jovens indígenas compartilhar resiliências sociais frente às mudanças climáticas (Ulturgasheva *et al.*, 2014), ao mesmo tempo em que contribuem para o aprendizado de pesquisadores não indígenas sobre o envolvimento dos jovens como atores comunitários e territoriais, fortalecendo debates sobre a coprodução de conhecimento e autodeterminação na pesquisa (Carter *et al.*, 2019).

O uso do vídeo participativo, conduzido por jovens, configura-se como uma estratégia potente para promover proteção, resiliência e adaptação a múltiplos estresses, além de conectar gerações e envolvê-los no planejamento e tomada de decisões (MacDonald *et al.*, 2015a). Essa estratégia também tem sido utilizada como ferramenta educativa para jovens potencializar conversas comunitárias, como observado no Programa de Saúde do Canadá que financia as comunidades para realizarem suas próprias pesquisas em cooperação com associações, acadêmicos e governo (Peace; Myers, 2012).

As práticas e ferramentas de comunicação utilizadas por pesquisadores da vida selvagem, como reuniões comunitárias, têm sua eficácia questionada, recomendando-se o maior envolvimento das juventudes indígenas no diálogo sobre as pesquisas (Henri *et al.*, 2020). O mapeamento participativo com jovens, utilizando multimídia para registrar informações sobre as condições e mudanças ambientais, favorece a partilha de conhecimentos, a construção de relacionamentos entre jovens e membros experientes da terra, a aprendizagem com ferramentas digitais e a criação de oportunidades para que jovens e jovens adultos permaneçam em seus territórios (Gill; Lantz, 2014).

Dos projetos de monitoramento ambiental em contexto canadense, documenta-se o protagonismo de jovens e anciãos Inuit na sua implantação antes da instalação de um Projeto de Mineração (Gérin-Lajoie *et al.*, 2018). A presença de mineradoras de diamantes próximas a territórios indígenas influenciou as juventudes com a oferta de trabalho e reduziu a migração para outras cidades ou regiões, embora apenas algumas famílias tiveram um aumento econômico com o trabalho na mineração (Davison; Hawe, 2012). Entretanto, jovens indígenas e anciãos foram criminalizados pela justiça canadense ao bloquearem uma rodovia em protesto contra a expansão de um projeto de oleoduto, evidenciando a violência associada à expansão de projetos de combustíveis fósseis e o aprofundamento da injustiça climática (Spiegel, 2021).

Questões sociais persistentes, como a criminalidade, perda de conhecimentos linguísticos e territoriais, abuso de substâncias, incluindo o suicídio de jovens, ofuscam a percepção das ameaças de alterações climáticas, interferem na capacidade de adaptação e devem ser consideradas numa avaliação de vulnerabilidade (Prno *et al.*, 2011). Pesquisas no Alasca já evidenciam, desde a década de 1990, processos de migração de estudantes que esperavam deixar permanentemente suas regiões de origem (Hamilton; Seyfrit, 1993). Kulis *et al.* (2013) ressaltam a importância do envolvimento de jovens indígenas em contextos urbanos estarem envolvidos em práticas culturais tradicionais e espiritualidade.

No campo da Educação, discute-se como as políticas assimilacionistas estadunidenses promovem identidades estudantis monoculturais e como as instituições deveriam se responsabilizar pela disparidade de desempenho, em vez de marginalizar os estudantes indígenas (Cerecer, 2013). A resiliência entre jovens nativos americanos relaciona-se às formas de saber indígena, identidade cultural, importância da família, à busca por caminhos espirituais, os papéis dos guardiões da sabedoria. Ressalta-se, ainda, a necessidade de considerar a relação entre história, cura da dor e trauma intergeracional, com foco em intervenções terapêuticas culturalmente fundamentadas (Garret *et al.*, 2014).

McCarty e Lee (2014) discutem o papel da soberania tribal na escola nativa norte-americana, baseando-se na noção de Pedagogia Culturalmente Sustentável, uma pedagogia culturalmente revitalizada, cujas influências colonizadoras são enfrentadas, a partir da linguagem e cultura. No Alasca, o Programa "Líderes Juvenis Indígenas" resultou em aumento na frequência escolar, melhor desempenho acadêmico e maior autoconfiança entre os jovens participantes (Wexler *et al.*, 2017). Em comunidades indígenas remotas do Alasca, discutem-se os desafios e oportunidades associados à pesquisa transdisciplinar com jovens, envolvendo diálogos sobre os conhecimentos ecológicos tradicionais, ciência, saúde comunitária e mudanças ambientais (Flint *et al.*, 2011). Os encontros da juventude Yup'ik (EUA) com os acampamentos culturais com os mais velhos promovem atividades que preservam e transmitem valores tradicionais com métodos narrativos tradicionais (Fienup-Riordan, 2003).

No Canadá, Crooks *et al.* (2010) partem dos dados sobre os comportamentos dos jovens das primeiras Nações do Canadá, como violência, abuso de

substâncias e evasão precoce da escola, para abordar iniciativas de fortalecimento de relacionamentos saudáveis e habilidades de liderança, concebidas por líderes comunitários e equipes multidisciplinares, como programas de mentoria de pares para estudantes da oitava série. Swanson (2010) explora como diferentes tipos de fronteiras, inclusive simbólicas (da mente), perturbam a vida das juventudes indígenas, problematizando a magnitude da pobreza dos indígenas em um país frequentemente percebido como um dos melhores lugares para se viver. A autora aborda como esses jovens habitam espaços intersticiais que conectam suas identidades indígenas, canadenses, transfronteiriças, de gênero, racializadas e juvenis, demonstrando imaginações, esperanças, aspirações, lutas e resistência, em direção a um mundo "sem fronteiras".

Os efeitos intergeracionais das políticas de realocação em territórios indígenas do centro-oeste canadense foram analisados em estudo com 507 jovens indígenas e suas mães, revelando impactos negativos não apenas sobre o bem-estar da geração dos avós, mas também sobre as gerações subsequentes (Walls; Whitbeck, 2012). Lines, Yellowknives Dene First Nation Wellness Division e Jardine (2019), por sua vez, adotaram uma abordagem participativa com os jovens da etnia Yellowknives Dene (noroeste canadense), coletando prioridades de saúde dos jovens por meio de círculos de compartilhamento e arte mural. Os jovens destacaram seu papel em influenciar pesquisas e agências de saúde, bem como a centralidade da cultura, das relações comunitárias, da transmissão de conhecimentos tradicionais dos idosos e a conexão com a terra para a melhoria dos resultados em saúde. A autoria do artigo incluiu este grupo.

No México, Baronnet (2008), no contexto da Floresta Lacandona, em Chiapas, analisa as políticas indígenas implementadas pelo exército Zapatista com foco nas escolas, destacando a participação autônoma de mulheres e jovens em processos educativos alinhados às tradições comunais, prioridades coletivas e respeito às diferenças etnopolíticas. Urteaga (2008), em revisão etnográfica sobre as juventudes indígenas entre as décadas de 1950 e 1990, observa a não centralidade do tema na pesquisa antropológica, evidenciando tanto a invisibilização do sujeito jovem na literatura clássica, homogeneizando-o e, quanto os esforços recentes de torná-los visíveis nos processos de mudança, conflito e mobilidade contemporânea.

Em Oaxaca, Robson *et al.* (2020) indicam que os jovens mantinham fortes conexões com suas comunidades e florestas locais, mas as aspirações de trabalho e/ou estudo implicaram saídas temporárias. Em contextos de megaprojetos envolvendo o povo Zapotecos, destacam-se experiências de rádio comunitária (Morales, 2015). Os jovens Mixteca (México-EUA), a partir de suas experiências de resiliência como migrantes, o acesso ao ensino superior, interação nas fronteiras e relações de fortalecimento entre familiares por meio da internet, são vistas como práticas de vida transcultural (Melville, 2014).

As mudanças na linguagem entre juventudes indígenas, como o uso de línguas não nativas na comunidade de Cucapa del Mayor, no norte do México, configuram-se como marcadores de identidade que também evidenciam uma história compartilhada de injustiças da colonização e um legado contínuo de indiferença estatal (Muehlmann, 2008). Cru (2015) analisa processos de hibridização linguística entre jovens maias envolvidos na cultura hip hop, evidenciando escolhas linguísticas que transitam entre a língua Maia e o espanhol, ao mesmo tempo em que formulam posicionamentos políticos em nível comunitário.

A migração tem sido correlacionada à rápida ascensão da língua inglesa sobre línguas nativas (Wyman, 2013). Na fronteira entre os EUA e o México, as práticas linguísticas de jovens indígenas contrariam as suposições estereotipadas de que eles simplesmente se afastam das práticas da comunidade diante das mudanças de linguagem (McCarty; Wyman, 2009). Em comunidades esquimós, onde o inglês predomina sobre as línguas de herança, observa-se como as juventudes se tornam monolíngues em inglês, ao passo que práticas do canto e dança são valorizadas como importantes recursos de repertório linguístico (Ikuta, 2010). As ecologias linguísticas moldam as escolhas das juventudes nativas norte-americanas e emergem de ambientes dinâmicos e heteroglóssicos, nos quais os jovens mobilizam habilidades sociolinguísticas diversas (McCarty *et al.*, 2009). A juventude indígena norteamericana cria interações para revitalização da língua nativa e constrói contranarrativas que questionam a suposta superioridade do inglês, abordando temas como respeito, estigmatização, vergonha, marginalização e impactos na identidade (Lee, 2009).

As pesquisas no Canadá demarcam reflexões sobre autoria acadêmica ao incluírem associações indígenas como coautoras, alinhando-se a práticas de grupos de pesquisa consolidados, como observado em MacDonald (2013, 2015a, 2015b).

## **4.2 América do Sul**

No Equador, um estudo com jovens Waorani e Cofan, na Amazônia, propôs um mapeamento de riscos associados à sustentabilidade, visando uma compreensão mais abrangente da experiência vivida das juventudes indígenas, que percebem valor em sua cultura material ancestral (vestimentas, jogos, alimentos, plantas medicinais, artes), amplamente dependente dos recursos naturais florestais, atualmente ameaçados pela expansão da indústria petrolífera na região (Lu *et al.*, 2014). No Peru, Espinosa (2012), em estudo realizado junto a organizações juvenis do povo Shipibo, destaca as preocupações dos idosos sobre os interesses dos jovens em migrar para a cidade e afastar-se de suas raízes e tradições, bem como as estratégias utilizadas pelas organizações para lidar os processos de mudança cultural.

Tenorio (2011) abordou a decisão do povo Guambiano, na Colômbia, em educar seus jovens por meio de uma combinação de conhecimentos indígenas e ocidentais nas escolas, problematizando a continuidade cultural e descontinuidade na escolarização.

Na Argentina, Ossola (2013) denuncia os sentidos atribuídos à educação formal para os jovens Wichí, destacando a descrição desses espaços educativos como transicionais ou fronteiriços. Jovens universitários Wichí, ao vivenciarem contextos bilíngues (Wichí e espanhol), fortaleceram suas habilidades no uso escrito de ambas as línguas o que contribuiu para os laços intra e interétnicos (Ossola, 2018). Petit (2013), por sua vez, realizou uma intervenção comunitária junto aos jovens Mapuche com o objetivo de fortalecer o sentimento de pertencimento à comunidade.

Webb (2014) questiona a capacidade da escola nacional do Chile de produzir um discurso consistente sobre cidadania culturalmente diversa e de promover valores de pertença étnica entre os jovens Mapuche, que respondem e resistem discursivamente aos valores excludentes da sociedade não indígena. Webb e Sepulveda (2020) analisam os percursos identitários de jovens indígenas em ambientes racializados, como as universidades chilenas, enfatizando como identidades marginalizadas e híbridas possibilitam formas de resistência e a construção de contranarrativas às ideologias dominantes e práticas assimilacionistas. Uma crítica epistemológica à pesquisa tradicional com os Mapuche no Chile evidencia

a importância da educação de dupla imersão de crianças e jovens e de uma racionalidade educacional capaz de superar o currículo escolar chileno monolíngue e monocultural (Rapimán *et al.*, 2016). A migração e as mudanças associadas a questões de emprego também influenciam a constituição de processos fluidos de construção identitária entre jovens Mapuche no Chile; alguns destacam a importância da língua, dos conhecimentos e o pertencimento, enquanto outros enfatizam a consanguinidade e sobrenome de seus ancestrais (Webb, 2013).

Na Bolívia, Lora (2012) apresenta o resultado de uma intervenção conduzida por acadêmicos da psicanálise, na qual são analisadas as dificuldades enfrentadas por jovens Aimarás ao migrarem do campo para a cidade. O estudo examina os processos de identificação, segregação e subjetivação vivenciados por esses jovens migrantes, bem como os impactos na saúde mental e o impacto social.

### **4.3 Continente Africano**

No continente africano, as pesquisas abordam a adaptação às emergências decorrentes das secas no sul do Quênia, cuja vulnerabilidade, por não ser uniforme nem universal, deve considerar diferenças, como idade, gênero e educação (Omolo; Mafongoya, 2019). Na África do Sul, o debate sobre as secas também se associa à pouca atenção que tem sido prestada à resiliência dos jovens. Em estudo fenomenológico com adolescentes, destacam-se colaboração proativa e as ecologias sociais dos jovens como fatores fundamentais para construção de respostas socialmente justas aos desafios impostos pela seca (Theron *et al.*, 2020).

O debate em torno das áreas protegidas e a conservação da biodiversidade na África do Sul, comumente representado pelos parques, reconhecem a importância de focar nos jovens e de considerar aspectos como escala, resiliência, complexidade e aprendizagem adaptativa para pensar a redução da vulnerabilidade (Swemmer; Taljaard, 2011). No contexto da Guiné-Bissau, uma pesquisa etnográfica realizada em uma comunidade originária produtora de arroz de mangal relaciona as alterações nas cheias do mar e diminuição das chuvas às transformações culturais, destacando-se o abandono dos rituais de iniciação dos jovens na floresta, o que afeta a troca de conhecimentos intergeracionais entre os mais velhos e os jovens. Entretanto, na luta pelo acesso à terra e proteção das plantações contra as inundações do mar, os jovens formaram uma associação para

garantir a continuidade de seus trabalhos por meio de redes de reciprocidade e de troca e transmissão de conhecimentos (Sousa; Luz, 2018).

Na região sudoeste de Camarões, estudo com os jovens e os pais dos povos Obang e Ngunnchang, em sete territórios, analisou a relação entre os tabus e a vida selvagem na Reserva Florestal de Nkwende Hills. Os tabus associados à fauna silvestre ainda persistem, mas têm sido menos respeitados entre os jovens, sobretudo em razão da escassez de animais. A fauna não é utilizada apenas para consumo alimentar, mas também para produção de medicamentos tradicionais, materiais artesanais e fins espirituais (Bobo; Aghmo; Ntumwel, 2015).

Na Nigéria, Alhassan (2012) pesquisou membros de um grupo musical indígena, observando como a aquisição de conhecimento decorre de métodos tradicionais de instrução, por meio da observação e imitação de parentes mais velhos.

#### **4.4 Europa**

Na Noruega, Nystad, Spein e Ingstad (2014) apontam a interconexão entre os membros da comunidade e o ambiente como promotora da resiliência e bem-estar, destacando a importância da língua Sami no conhecimento ecológico tradicional, especialmente na criação de renas e no uso dos recursos naturais. Bals *et al.* (2011) evidenciam a relevância de atividades culturais que fortalecem a língua nativa como proteção contra problemas de saúde mental entre jovens Sami.

Na Bulgária, Dimitrova *et al.* (2013) abordam a exposição severa à discriminação social e a importância da identidade étnica para o bem estar da juventude Roma. Os ciganos, sendo Roma a maior minoria étnica indígena enfrentam intensas exclusões sociais, pobreza e comprometimento do bem estar. Na Rússia, a comunicação entre jovens e anciãos sobre a definição de territórios fundamenta práticas de sustentabilidade ambiental e cultural na região do norte circumpolar (Crate, 2006).

#### **4.5 Ásia**

Nas montanhas do Nepal, Gentle e Thwaites (2016) descrevem o contexto do pastoralismo transumante e analisam como a continuidade dessa prática é ameaçada por desafios em múltiplas escalas e contextos, como as mudanças

climáticas nos ecossistemas de montanha, o mercado e a migração da juventude. Na Índia, Chaudhuri (2017) investigou as subjetividades ambientais de jovens indígenas que trabalham como guias profissionais de ecoturismo e que se envolvem com a gestão ambiental em um santuário de vida selvagem, em especial os elefantes, por meio de atividades de codesenvolvimento. Bang *et al.* (2013) problematizam a sub-representação significativa dos povos indígenas nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, apontando a necessidade de considerar cuidadosamente os contextos ecológicos de jovens indígenas em idade escolar, muitos dos quais vivem em ambientes urbanos da Índia.

Já em 1992, Juliana Flinn discutiu a partir do contexto do ensino fundamental da Micronésia, como os indígenas exerciam maior controle sobre o sistema educacional por meio da atuação de professores locais, possibilitando uma transmissão mais efetiva dos conhecimentos tradicionais quando havia maior concentração desses docentes e menor supervisão da administração central.

#### **4.6 Oceania**

Na Nova Zelândia, com o povo Maori, Stuart e Jose (2014), identificaram uma tendência de efeito positivo na relação entre identidade étnica, engajamento étnico e bem-estar. Lilley (2014) destaca a centralidade das interações interpessoais entre jovens, especialmente em suas redes sociais, que desempenham papel fundamental no apoio aos estudos e na compreensão do ambiente educacional. As tensões intergeracionais relacionadas à identidade na população aborígene evidenciam a prática do hip hop, apropriada pelos jovens como forma de expressão das experiências de marginalização social nas quais a aboriginalidade é construída e reivindicada (Morgan; Waren, 2011). O uso de mídias e a aceitação de novas tecnologias de comunicação, bem como suas implicações positivas para a aprendizagem e a prática cultural dos jovens na Austrália demonstram como as relações sociais e estilos de comunicação se alteraram entre as gerações (Kral; Heath, 2013; Kral, 2011, 2014). Entretanto, Brown (2019) aborda a rejeição do conhecimento indígena na sala de aula australiana e a complexa desvantagem educacional indígena como produto da expropriação colonial. Pounder (1983), tratou dos rituais no período da juventude dos povos aborígenes, constituindo a pesquisa mais antiga da revisão sistemática.

#### **4.7 Juventudes indígenas brasileiras em defesa da vida e intermediadas por 500 anos de violações**

No Brasil, as produções acadêmicas relacionam-se às mudanças ambientais, aos processos migratórios e às disputas territoriais. Em meio a um cenário de retrocessos, ações de contestação às decisões governamentais das juventudes indígenas resistem às tentativas do etnocídio do Estado brasileiro (Oliveira, 2020). A proteção comunitária dos territórios, como "guardiões da floresta", também são crescentes, embora não sem ameaças, como no caso de Paulino Guajajara, liderança e jovem indígena, assassinado enquanto realizava a proteção de seu território no Maranhão (Carvalho, 2022).

As ações auto-organizadas pelos povos indígenas brasileiros para denunciar e enfrentar essas violações envolvem o uso das tecnologias e mídias sociais, parcerias e diferentes espaços de atuação, tais como: a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), nas mobilizações do Acampamento Terra Livre (20 edições), com protagonismo das juventudes indígenas de todo o país (Sumaúma, 2023), a organização contra empreendimentos de mineração (Sarmet, 2022), os Coletivos de Jovens lideranças do Povo Guarani, nos Estados do RS, SC, PR, SP, MS, RJ (Góes, 2025), o Coletivo Mbya-guarani de Cinema no Rio Grande do Sul, criado em 2007 (Barros, 2014), o apoio financeiro de organizações como o Fundo Brasil<sup>5</sup>, com investimentos voltados à Comissão Nacional de Juventude Indígena na região Nordeste e à Juventude Xokleng em Santa Catarina e o acesso à universidade como um espaço de resistência dos jovens (Oliveira, 2020).

Os aspectos sócio-históricos das infâncias brasileiras podem ser entendidos como resultado da hibridização de diferentes estilos de infância, desde a colonização portuguesa. Profice e Santos (2017), com narrativa especulativa com base histórica, refletem sobre os processos de compreensão mútua e transformação entre as crianças/jovens vindos de Portugal e dos indígenas locais, destacando aspectos culturais e educativos (antropocêntrico/ecocêntrico, adultocêntrico/dialógico) desses distintos estilos de infância.

Desde então, a relação com a terra e com anciãos é influenciada por processos históricos de violência, migração forçada e com processos de resistência, por

---

<sup>5</sup> Fundo Brasil (2026).

vezes, invisibilizados. Esses processos atravessam diferentes regiões do país, cujas denúncias e registros etnográficos nem sempre alcançam a interseccionalidade com as juventudes nos processos de vulnerabilização.

A biografia do líder Pedro Arara Karo (Rondônia) ilustra a complexidade dos processos de migração nas regiões Norte e Nordeste. Ele foi expulso, junto com sua mãe e irmãos, de suas terras por seringalistas que ameaçavam matá-los, na década de 1960, e cresceu trabalhando para não-indígenas, sem conhecimento de própria língua ou origem. Já adulto, retornou ao seu povo e foi escolhido como chefe (Mindlin, 2016).

O acompanhamento dos jovens Apurinã, Cashinahua e Machineri, que passaram a transitar com maior frequência entre suas comunidades e o ambiente urbano de Rio Branco (Acre), contribui para a discussão sobre identidade e corporalidade, e tensionam as interações entre indígenas nos territórios e nas cidades (Virtanen, 2010). As práticas tradicionais nas cerimônias de ayahuasca em Rio Branco fortalecem o campo simbólico dos jovens indígenas que vivem em contexto urbano, com a construção de redes sociais (Virtanen, 2006). A frequência das visitas dos jovens Kamaiurá nas cidades no entorno do Parque Indígena do Xingu (Mato Grosso) indica mudanças que os afetam, bem como a forma como reagem aos estímulos, organizam e acomodam informações, valores e bens adquiridos nessas viagens (Vitti; Junqueira, 2015).

Um programa educacional desenvolvido com o povo Parakanã na região do Xingu (Pará), não considerou a cultura tradicional e enfrentou a dicotomia na forma como os professores percebiam a relevância de preservar as tradições indígenas, além de fortes barreiras de comunicação decorrentes do desconhecimento da língua nativa. Os jovens indígenas, em comparação aos mais velhos, têm posição diferente na manutenção dos costumes étnicos e adoção de comportamentos não indígenas (Teixeira; Santos; Oliveira, 2009).

Aoyagi, Kavacic e Baines (2020), a partir de observações etnográficas sobre a moda neoétnica praticada por jovens de diferentes etnias, analisam como a hibridização entre vestimentas tradicionais e a moda global permite a reapropriação do patrimônio cultural de forma trans-tradicional, deslocando a categoria historicamente marginalizada da etnia indígena à atenção do público em uma escala global.

As perspectivas conservacionistas frequentemente desconsideram os conhecimentos indígenas associados à caça com fogo dos Xavante (A'úwa), mesmo quando esta prática relaciona sentidos sociais diversos, como dar e receber presentes de caça durante cerimônias de iniciação, expressão de sentimentos de respeito, gratidão aos outros, valores sociais positivos entre jovens masculinos e a viabilidade ambiental da atividade decorrente da caça ritualizada (Welch, 2014). Os jovens Xavante adquirem conhecimentos e habilidades para participar de forma autônoma na caça em grupo com fogo, com orientação dos velhos e se tornam responsáveis pelos mais novos, numa configuração cultural que valoriza a aprendizagem ativa e a produção de conhecimentos sobre a ecologia do fogo antropogênico, calendário de queimas, estratégias de caça e cerimônias (Welch, 2015).

As mudanças na aquisição e consumo de plantas em um território Guarani na região Sudeste decorrem, em parte, da falta de espaço dentro do território indígena para atividades tradicionais diárias (agricultura, caça), o que motiva alterações na dieta, embora outras se mantenham (Scalco; Rodrigues, 2013). A música hip hop da juventude Guarani constitui um saber que sintetiza os conflitos socioterritoriais e que, associado aos cantos e danças tradicionais, funciona como meio de enfrentamento das ameaças e de mediação das relações com o outro (Iruretagoyena, 2020). Um estudo com estudantes indígenas Guarani e Kaingang de uma universidade pública no Rio Grande do Sul aborda como a escolha profissional envolve um projeto coletivo, contribuindo para as teorias de carreira ao considerar as peculiaridades culturais (Angelin; Zoltowski; Teixeira, 2017). Gerken *et al.* (2014) descreveram o processo de construção de crenças, valores, habilidades e competências relacionadas à cultura escrita dos jovens Xakriabá, sua importância na relação com os mais velhos e seu uso na (re)construção de identidade frente a demandas sociais e políticas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em se tratando das juventudes indígenas em nível global, as pesquisas apontam situações adversas decorrentes da imposição de um viver colonial, que se expressam entre gerações e se acumulam aos efeitos das mudanças climáticas, em diferentes escalas. Ainda assim, a maior parte dos países não apresenta

esforços consistentes de pesquisa nesta direção, como é o caso do Brasil. O debate em torno da resiliência socioecológica permite situar a transversalidade da saúde e da educação nas relações ancestrais com a terra que jovens, anciãos e comunidades estabelecem em distintas regiões do mundo.

Ainda que se reconheça a expressão das produções do continente norte-americano, as pesquisas permitem agrupar diferentes grupos étnicos na constituição de caminhos de enfrentamento às tendências globalizantes geradoras de sofrimento, do racismo estrutural, mercantilização da natureza e de uma educação opressora, nas quais identidades étnicas, línguas, cultura e conhecimentos ecológicos tradicionais são desconsiderados. Projetos e programas voltados para estas intersecções, com metodologias e abordagens dialógicas, como o monitoramento, mapeamentos e vídeos participativos, são caminhos já traçados em algumas regiões, mas que precisam ser avaliados em cada contexto territorial. No Brasil, iniciativas associadas ao licenciamento ambiental de grandes empreendimentos, como no contexto de medidas compensatórias da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, apontam preocupações nesta direção, pois seus efeitos podem ser considerados insuficientes, ou incongruentes, se avaliados sob o viés da interculturalidade crítica.

O debate em torno da educação indígena tem contornos próprios. Os processos de violências decorrem do período escolar e do acesso e permanência na universidade, ou são intensificados nesses espaços, nos quais se reafirmam colonialidades e se produzem rupturas na conexão ancestral com a terra e a cultura de cada povo. A interculturalidade funcional (Walsh, 2009) prevalece quando a perda dos conhecimentos tradicionais é denunciada por anciãos e líderes comunitários em meio a complexidade dos processos de vulnerabilização aos jovens indígenas. As taxas de evasão escolar aumentam, enquanto os esforços políticos e educacionais minimizam a problemática, culpabilizando os jovens e flertando com perspectivas assimilacionistas.

Entretanto, a diversidade de estratégias utilizadas pelos povos indígenas envolvem formas sofisticadas de diálogo intercultural, como visto na reinvenção de performance, nas artes, como o hip hop, com os rappers indígenas e produções cinematográficas, e no uso das mídias e tecnologias digitais, as quais permitem dialogar com as linguagens e tradição oral dos povos indígenas e revitalizar a luta pelo direito de permanecer nas suas terras ancestrais.

Esses aspectos não normalizam as fraturas dos processos migratórios, nem as relações com o urbano, que intensificam os sofrimentos das juventudes indígenas decorrentes de estereótipos negativos, racismo, negação do direito à autodeterminação e erosão da comunalidade. Contudo, possibilitam ações em rede, aprendizados colaborativos entre jovens, um olhar renovado de valorização das língua(gens) e o fortalecimento dos vínculos ancestrais com os anciãos, a terra, a cultura, as relações de parentesco.

Um tema grave relatado pela bibliografia acadêmica refere-se ao suicídio de jovens indígenas. As forças coloniais, o estrangulamento territorial, a ausência da demarcação das terras, contaminação de cursos d'água, o racismo anti-indígena e os projetos de desenvolvimento impõem uma condição de não poder vir a ser dessas juventudes, ou um estado de “desviver” como ensina Uwira Xakriabá (Domingues, 2017). Tal cenário exige esforços coletivos e transdisciplinares de pesquisa, com vínculo propositivo às políticas públicas, de saúde, meio ambiente e educação. Nesse cenário, considerar os processos que extrapolam as produções acadêmicas constitui também um desafio para a produção de um conhecimento engajado com as demandas sociais e o compromisso com a democracia étnico-racial voltado para a realidade de quem tem "*24 anos, mas meu povo vive na Floresta Amazônica há mais de 6 mil anos*".

## **REFERÊNCIAS**

ALHASSAN, Jibril Attahiru. Indigenous Knowledge acquisition and transfer among members of the nupe royal music band in Nigeria. *African Journal of Library, Archives and Information Science*, [S. l.], v. 22, n. 1, 2012.

ALLEN, James; MOHAT, Gerald; MARKSTROM, Carol; BYERS, Lisa; NOVINS, Douglas. “Oh no, we are just getting to know you”: the relationship in research with children and youth in indigenous communities. *Child Dev Perspect*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 55-60, 2012

ANGELIN, Ana Paula; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. A construção do projeto de vida e carreira em estudantes indígenas: um estudo exploratório. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 29, 2017.

AOYAGI, Hiroshi; KOVACIC, Mateja; BAINES, Stephen Grant. Neo-ethnic self-styling among young indigenous people of Brazil: Re-appropriating ethnicity through cultural hybridity. *Vibrant Virtual Brazilian Anthropology*, São Paulo, v. 17, p. 1-22, 2020.

BACKES, José Licínio. A construção de pedagogias decoloniais nos currículos das escolas indígenas. *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, n. 45, p. 41-58, 2018.

BALS, Margrethe; TURI, Anne Lene; INGUNN, Skre; KVERNMO, Siv. The relationship between internalizing and externalizing symptoms and cultural resilience factors in Indigenous Sami youth from Arctic Norway. *International Journal of Circumpolar Health*, [S. l.], v. 70, n. 1, p. 37-45, 2011.

BANDURA Albert; CHERRY, Lyne. Enlisting the power of youth for climate change. *American Psychologist*, [S. l.], v. 75, n. 7, p. 945-951, 2020.

BANG, Megan; MARIN, Ananda; FABER, Lori; SUZUKOVICH, Eli. Repatriating indigenous technologies in an urban indian community. *Urban Education*, [S. l.], v. 48, n. 5, p. 705-733, 2013.

BARONNET, Bruno. Rebel youth and zapatista autonomous education. *Latin American Perspectives*, [S. l.], v. 35, n. 4, p. 112-124, 2008.

BARROS, Moacir Francisco de Sant` Ana. *Caminhada, canto, conversaço: mise-en-scène reversa em três filmes do Coletivo Mbyá-Guarani de Cinema*. 2014. 221f. Tese (Doutorado em Comunicação Social)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2014.

BERKES, Fikret. *Sacred Ecology: traditional ecological knowledge and resource management*. New York: Taylor & Francis, 1999.

BLACK, Sara Thomas; MILLIGAN, Richard Anthony; HEYNEN, Nik. Solidarity in climate/immigrant justice direct action: lessons from Movements in the US South. *International Journal of Urban and Regional Research*, [S. l.], v. 40, n. 2, 2016.

BOBO, Kadiri Serge; AGHOMO, Fodjou Florence Mariam; NTUMWEL, Bonito Chia. Wildlife use and the role of taboos in the conservation of wildlife around the Nkwende Hills Forest Reserve; South-west Cameroon. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, [S. l.], v. 11, n. 1, 2015.

BRASIL. Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 30 ago. 2012.

BROOK, Ryan; KUTZ, Susan; VEITCHT, Alasdair; POPKO, Richard; ELKIN, Brett; GUTHRIE, Glen. Fostering community-based wildlife health monitoring and research in the Canadian North. *Ecohealth*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 266-78, 2009.

BROWN, Lilly. Indigenous young people, disadvantage and the violence of settler colonial education policy and curriculum. *Journal of sociology*, [S. l.], v. 55, n. 1, p. 54-71, 2019.

CARTER, Natalie Ann; DAWSON, Jackie; SIMONEE, Natasha; TAGALIK, Shirley; LJUBICIC, Gita. Lessons learned through research partnership and capacity enhancement in Inuit Nunangat. *Arctic*, Calgary, v. 72, n. 4, p. 381-403, 2019.

CARVALHO, Jesica. Julgamento de acusados da morte de Paulino Guajajara fortalece luta de Guardiões da Floresta da TI Araribóia por seus direitos. *CIMI*, Brasília, 2022. Disponível em: <https://cimi.org.br/2022/04/julgamento-acusados-paulino-guajajara-guardioes-floresta/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

CAUSA, Laura Kropff; STELA, Valentina. Abordajes teóricos sobre las juventudes indígenas en Latinoamérica. *Revista Liminar*, Chiapas, v. 15, n. 1, p. 15-28, 2017.

CERECER, Patricia Quijada. Independence, Dominance, and power: (Re)Examining the impact of school policies on the academic development of indigenous youth. *Theory into practice*, [S. l.], v. 52, n. 3, p. 196-202, 2013.

CHANDLER, Michael. On Being Indigenous: An Essay on the Hermeneutics of 'Cultural Identity'. *Human Development*, [S. l.], v. 56, n. 2, p. 83-97, 2013.

CHAUDHURI, Tapoja. Environmental cosmopolitanism in a South Indian village. *Critique of anthropology*, [S. l.], v. 37, n. 4, p. 401-417, 2017.

CRATE, Susan. Elder knowledge and sustainable livelihoods in post-Soviet Russia: Finding dialogue across the generations. *Arctic anthropology*, [S. l.], v. 43, n. 1, p. 40-51, 2006.

CROOKS, C. V.; CHIODO, D.; THOMAS, D.; HUGHES, R. Strengths-based programming for first nations Youth in Schools: Building Engagement Through Healthy Relationships and Leadership Skills. *International journal of mental health and addiction*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 160-173, 2010.

CRU, Josep. Bilingual rapping in Yucatan, Mexico: strategic choices for Maya language legitimation and revitalisation. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, [S. l.], v. 20, n. 5, p. 1-16, 2015.

CRUZ, Felipe Sotto Maior. Indígenas Antropólogos e o Espetáculo da Alteridade. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v. 11, n. 2, 2017.

DAVISON, Colleen; HAWE, Penelope. All that glitters: Diamond mining and tãichô youth in behchokö, northwest territories. *Arctic*, Calgary, v. 65, n. 2, p. 214-228, 2012.

DIMITROVA, Radosveta; CHASIOTIS, Athanasios; BENDER, Michael; VIJVER, Fons Van. Collective Identity and Well-Being of Bulgarian Roma Adolescents and Their Mothers. *Journal of Youth and Adolescence*, [S. l.], v. 43, n. 3, p. 375-386, 2013.

DOMINGUES, William César Lopes. *Cachaça, concreto e sangue! Saúde, alcoolismo e violência. Povos indígenas no contexto da hidrelétrica de Belo Monte*. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, 2017.

ESCOBAR, Arturo. *Autonomía y Diseño*. La realización de lo comunal. Cauca: Universidad del Cauca, 2016.

ESPINOSA, Oscar. To be shipibo nowadays: the shipibo-konibo youth organizations as a strategy for dealing with cultural change in the peruvian amazon region. *Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 451-471, 2012.

EZEOMAH, Bookie; FARAG, Karim. Effects of development on indigenous dietary pattern: A Nigerian case study. *Appetite*, [S. l.], v. 107, p. 59-68, 2016.

FIENUP-RIORDAN, Ann. "Kenekngamceci Qanrutamceci (We talk to you because we love you)": Yup'ik "culturalism" at the Umkumiut culture camp. *Arctic Anthropology*, [S. l.], v. 40, n. 2, p. 100-106, 2003.

FLINN, Juliana. Transmitting traditional values in new schools- elementary-education of Pulp Atoll. *Anthropology & education*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 44-58, 1992.

FLINT, Courtney; ROBINSON, Ewan; KELLOGG, Josh; FERGUSON, Gary; BOUFAJRELDIN, Lama; DOLAN, Mallory; RASKIN, Ilya; LILA, Mary Ann. Promoting wellness in alaskan villages: integrating traditional knowledge and science of wild berries. *Ecohealth*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 199-209, 2011.

FREEMAN, Bonnie. Promoting global health and well-being of Indigenous youth through the connection of land and culture-based activism. *Global health promotion*, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 17-25, 2019.

FUNDO BRASIL. Associação da Juventude Indígena Xokleng. *Fundo Brasil*, [S. l.], 2026. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/associacao-da-juventude-indigena-xokleng/>. Acesso em: 9 out. 2023.

GARRETT, Michael Tlanusta; PARRISH, Mark; WILLIAMS, Cyrus; GRAYSHIELD, Lisa; PORTMAN, Tarrell Awe Agahe; RIVERA, Edil Torres; MAYNARD, Elizabeth. Invited

commentary: fostering resilience among Native American youth through therapeutic intervention. *Journal of youth and adolescence*, [S. l.], v. 43, n. 3, p. 470-490, 2014.

GEGEO, David Welchman; WATSON-GEGEO, Karen Ann. Whose knowledge? Epistemological collisions in Solomon Islands community development. *The Contemporary Pacific*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 377-409, 2002.

GENTLE, Popular; THWAITES, Rik. Transhumant pastoralism in the context of socioeconomic and climate change in the mountains of Nepal. *Mountain research and development*, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 173-182, 2016.

GÉRIN-LAJOIE, José *et al.* IMALIRIJIT: a community-based environmental monitoring program in the George River watershed, Nunavik, Canada. *Écoscience*, [S. l.], v. 25, n. 4, p. 381-399, 2018.

GERKEN, Carlos Henrique de Souza; ALVARENGA, Tamiris Amanda Rezende de; OLIVEIRA, Daniel dos Santos; OLIVEIRA, Ildete Freitas. Letramento, identidade e cotidiano entre jovens Xakriabá TT- Literacy, identity e everyday life among Xakriabá youngsters. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 251-276, 2014.

GILL, Harneet; LANTZ, Trevor. A community-based approach to mapping gwich'in observations of environmental changes in the lower peel river watershed, NT. *Journal of ethnobiology*, [S. l.], v. 34, n. 3, p. 294-314, 2014.

GÓES, Liz Meira. *"Nós somos natureza, não vamos nos perder", caminhada dos jovens Guarani em Ka'aguy Marã'e'y*. 2025. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento)- Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2025.

GUITART, Moisés Esteban; DAMIÁN, María Jane Rivas; DANIEL, Myriam Rebeca Pérez. Identidad Étnica Y Autoestima En Jóvenes Indígenas Y Mestizos De San Cristóbal De Las Casas (Chiapas, México). *Acta colombiana de Psicología*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 99-108, 2011.

HAMILTON, Lawrence; SEYFRIT, Carole. Town-village contrasts in Alaskan youth aspirations. *Arctic*, Calgary, v. 46, n. 3, p. 255-263, 1993.

HENRI, Dominique; BRUNET, Nicolas; DORT, Hilary; ODAME, Helen Hambly; SHIRLEY, Jamal; GILCHRIST, Grant. What is Effective Research Communication? Towards Cooperative Inquiry with Nunavut Communities. *Arctic*, Calgary, v. 73, n. 1, p. 81-98, 2020.

IGREJA, Rebecca Lemos; OLIVEIRA, Assis da Costa. Apresentação Juventudes e(m) povos

indígenas: abordagens teórico-etnográficas sobre dinâmicas culturais, mobilizações políticas e dilemas sociais. *Anuário Antropológico*, [S. l.], v. 44, n. 2, 2019.

IKUTA, Hiroko. Eskimo language and eskimo song in Alaska: a sociolinguistics of deglobalisation in endangered language. *Pragmatics*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 171-189, 2010.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

IRURETAGOYENA, Ferdinando A. Armenta. El habla de las sombras: domesticación de la diferencia entre jóvenes guaraní-mbya del sur de Brasil. Antipoda. *Revista de Antropología y Arqueología*, [S. l.], n. 41, p. 151-170, 2020.

KIMMERER, Robin W.; LAKE, Frank K. Maintaining the Mosaic: the role of indigenous burning in land management. *Journal of Forestry*, [S. l.], v. 99, n. 11, p. 36-41, 2001.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: companhia das letras, 2015.

KRAL, Inge; HEATH, Shirley B. The world with us: sight and sound in the “cultural flows” of informal learning. An Indigenous Australian case. *Learning culture and social interaction*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 227-237, 2013.

KRAL, Inge. Shifting perceptions, shifting identities: communication technologies and the altered social, cultural and linguistic ecology in a remote indigenous context. *Australian Journal of Anthropology*, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 171-189, 2014.

KRAL, Inge. Youth media as cultural practice: remote Indigenous youth speaking out loud. *Australian aboriginal studies*, [S. l.], n. 1, p. 4-16, 2011.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

KULIS, Stephen; WAGAMAN, Alex; TSO, Crescentia; BROWN, Eddie. Exploring indigenous identities of urban American Indian youth of the Southwest. *Journal of adolescent research*, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 271-298, 2013.

KUÑANGUE ATY GUASU; OBSERVATÓRIO DA KUÑANGUE ATY GUASU (O.K.A). *Intolerância religiosa, racismo religioso e casas de rezas kaiowá e Guarani queimadas*. Dourados: O.K.A; KUÑANGUE ATY GUASU, 2022.

LEE, Tiffany. Language, identity, and power: navajo and pueblo young adults' perspectives

and experiences with competing language ideologies. *Journal of Language, Identity, and Education*, [S. l.], v. 8 n. 5, p. 307-320, 2009.

LILLEY, Spencer. The social information grounds of Māori secondary school students. *Library and Information Science*, [S. l.], v. 10, p. 191-213, 2014.

LINES, Laurie-Ann; Yellowknives Dene First Nation Wellness Division; JARDINE, Cynthia. Connection to the land as a youth-identified social determinant of Indigenous Peoples' health. *Bmc public health*, [S. l.], v. 19, 2019.

LORA, María Elena. Las identificaciones y las migraciones indígenas. *Ajayu: Órgano de Difusión Científica del Departamento de Psicología*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 156-162, 2012.

LUCIANO, Gersem dos Santos. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas hoje*. Brasília, DF: SECAD/MEC; Unesco, 2006.

LU, Flora; SILVA, Nestor Leonardo; VILLEDIA, Krysta; SORENSEN, Mark. Cross-Cultural Perceptions of Risks and Tenables among Native Amazonians in Northeastern Ecuador. *Human organization*, [S. l.], v. 73, n. 4, p. 375-388, 2014.

MACDONALD, Joanna Petrasek; FORD, James; WILLOX, Ashelee Cunsolo; MITCHELL, Claudia; Konek Productions; My Word Storytelling and Digital Media Lab; Rigolet Inuit Community Government. Youth-Led Participatory Video as a Strategy to Enhance Inuit Youth Adaptive Capacities for Dealing with Climate Change. *Arctic*, Calgary, v. 68, n. 4, p. 486-499, 2015a.

MACDONALD, Joanna Petrasek; WILLOX, Ashelee Cunsolo; FORD, James; SHIWAK, Inez; WOOD, Michele. Protective factors for mental health and well-being in a changing climate: Perspectives from Inuit youth in Nunatsiavut, Labrador. *Social science & medicine*, [S. l.], v. 141, p. 133-141, 2015b.

MACDONALD, Joanna Petrasek; HARPER, Sherilee L.; WILLOX, Ashlee Cunsolo; EDGE, Victoria L.; Rigolet Community Inuit Government. A necessary voice: Climate change and lived experiences of youth in Rigolet, Nunatsiavut, Canada. *Global Environmental Change*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 360-371, 2013.

MCCARTY, Teresa; LEE, Tiffany. Critical Culturally Sustaining/Revitalizing Pedagogy and Indigenous Education Sovereignty. *Harvard Educational Review*, [S. l.], v. 84, n. 1, 2014.

MCCARTY, Teresa; ROMERO-LITTLE, Mary Eunice; WARHOL, Larisa; ZEPEDA, Ofelia. Indigenous Youth as Language Policy Makers. *Journal of Language, Identity & Education*, [S. l.], v. 8, n. 5, p. 291-306, 2009.

MCCARTY, Teresa; WYMAN, Leisy. Indigenous youth and bilingualism-theory, research, praxis introduction. *Journal of language identity and education*, [S. l.], v. 8, n. 5, p. 279-290, 2009.

MELVILLE, Georgia. Identity Strategies and Consciousness Shifts of Sanmiguelense Mixtec Youth in Transnational and Transcultural Spaces. *Latin american perspectives*, [S. l.], v. 41, n. 3, 2014.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da 'ciência': colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Editora Cortez, 2004. p. 667-709.

MILLER, Andrew; DAVIDSON-HUNT, Iain; PETERS, Paddy. Talking about fire: Pikangikum First Nation elders guiding fire management. *Canadian journal of forest research*, [S. l.], v. 40, n. 12, p. 2290-2301, 2010.

MINDLIN, Betty. Aula Magna de Pedro Arara Karo. Arara Karo: a persistência de um povo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 323-336, 2016.

MORALES, Elena Nava. Radio Totopo y sus jóvenes. Instituciones comunitarias y procesos de resistencia. *Antipoda: Revista de Antropología y Arqueología*, [S. l.], v. 1, n. 23, p. 89-113, 2015.

MORGAN, George; WARREN, Andrew. Aboriginal youth, hip hop and the politics of identification. *Ethnic and Racial Studies*, [S. l.], v. 34, n. 6, p. 925-947, 2011.

MUEHLMANN, Shaylih. "Spread your ass cheeks": And other things that should not be said in indigenous languages. *American ethnologist*, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 34-48, 2008.

NASCIMENTO, Silvana Jesus do. Múltiplas vitimizações: crianças indígenas Kaiowá nos abrigos urbanos do Mato Grosso do Sul. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 265-292, 2014.

NÚÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. *ClimaCom*, Campinas, ano 8, n. 21, 2021. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>. Acesso em 11 out. 2023.

NYSTAD, Kristine; SPEIN, Anna Rita; INGSTAD, Benedicte. Community resilience factors among indigenous Sami adolescents: A qualitative study in Northern Norway. *Transcultural psychiatry*, [S. l.], v. 51, n. 5, p. 651-672, 2014.

O'BRIEN, Karen; SELBOE, Elin; HAYWARD, Bronwyn. Exploring Youth Activism on Climate Change: Dutiful, Disruptive, and Dangerous Dissent. *Ecology and Society*, [S. l.], v. 23, n. 3, 2018.

OLIVEIRA, Assis da Costa. Juventudes, Estado e Povos Indígenas no Brasil do Século XXI. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales Niñez y Juventud*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1-25, 2020.

OLIVEIRA, Assis da Costa. Contribuições juvenis para os direitos indígenas. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1261-1290, 2019.

OMOLO, Nancy; MAFONGOYA, Paramu. Gender, social capital and adaptive capacity to climate variability. *International Journal of Climate Change Strategies and Management*, [S. l.], v. 11, n. 5, p. 744-758, 2019.

OSSOLA, María Macarena. Usos y resignificaciones de las lenguas wichí y español entre jóvenes universitarios bilingües (Salta, Argentina). *Cuadernos de antropología social*, [S. l.], n. 47, 2018.

OSSOLA, Maria Macarena. Jóvenes indígenas en la frontera: relaciones entre etnicidad, escolaridad y territorialidad. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 547-562, 2013.

PEACE, Diane McClymont; MYERS, Erin. Community-based participatory process- Climate change and health adaptation program for northern first nations and Inuit in Canada. *International Journal of Circumpolar Health*, [S. l.], v. 71, n. 1, 2012.

PETIT, Lucrecia. Identidad y pertenencia: la acción de los adolescentes como promotores de derecho indígena en la comunidad mapuche Mariano Epulef. *CS*, Cali, n. 11, p. 143-176, 2013.

POUNDER, DJ. Ritual mutilation. Subincision of the penis among Australian aborigines. *American Journal of Forensic Medicine and Pathology*, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 227-229, 1983.

PRNO, Jason; BRADSHAW, Ben; WANDEL, Johanna; PEARCE, Tristan; SMIT, Barry; TOZER, Laura. Community vulnerability to climate change in the context of other exposure-sensitivities in Kugluktuk, Nunavut. *Polar Research*, [S. l.], v. 30, n. 1, 2011.

PROFICE, Christiana Cabicieri; SANTOS, Gabriel Henrique Moreira dos. De Grumetes A Kunumys- Estilos De Infâncias Brasileiras. *História da Educação*, Santa Maria, v. 21, n. 53, p. 307-325, 2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RANGEL, Lucia Helena Vitalli. Políticas públicas e participação política: juventude indígena na cidade de São Paulo. *In*: ALVARADO, Sara Victoria; VOMMARO, Pablo (Org.). *En busca de las condiciones juveniles latinoamericanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso; Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte; Manizales: Universidad de Manizales; Sabaneta: Cinde, 2014. p. 167-225.

RAPIMÁN, Daniel Quilaqueo; MILLÁN, Segundo Quintriqueo; MELLA, Enrique Hernán Riquelme; ANTILEO, Elisa Loncón. Educación mapuche y educación escolar en la Araucanía: ¿doble racionalidad educativa? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 46, n. 162, p. 1050-1070, 2016.

ROBSON, James; WILSON, Sarah; SANCHEZ, Constanza Mora; BHATT, Anita. Youth and the future of community forestry. *Land*, [S. l.], v. 9, n. 11, 2020.

SARMET, Gabriela. Juventude indígena se mobiliza contra a mineração nos territórios. *Observatório da Mineração*, [S. l.], 13 abr. 2022. Disponível em: <https://observatoriodamineracao.com.br/juventude-indigena-se-mobiliza-contr-a-mineracao-nos-territorios/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

SCALCO, Nayara; RODRIGUES, Eliana. Changes in the acquisition and consumption of food plants and their relationship with indigenous perceptions of health in a Guarani village, São Paulo, Brazil. *Public Health Nutrition*, [S. l.], v. 16, n. 10, p. 1820-1826, 2013.

SHERMAN, Kathleen; VAN LANEN, James; SHERMAN, Richard. Practical Environmentalism on the Pine Ridge Reservation: Confronting Structural Constraints to Indigenous Stewardship. *Human ecology*, [S. l.], v. 38, n. 4, p. 507-520, 2010.

SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (Org.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.

SMITH, Justin; DUBOIS, Bryce; KRASNY, Marianne. Framing for resilience through social learning: impacts of environmental stewardship on youth in post-disturbance communities. *Sustainability Science*, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 441-453, 2016.

SOUSA, Joana; LUZ, Ana Luísa. 'The Tides Rhyme with the Moon': The Impacts of Knowledge Transmission and Strong Spring Tides on Rice Farming in Guinea-Bissau. *Human Ecology*, [S. l.], v. 46, n. 2, p. 147-157, 2018.

SPIEGEL, Samuel. Climate injustice, criminalisation of land protection and anti-colonial solidarity: Courtroom ethnography in an age of fossil fuel violence. *Political Geography*, [S. l.], v. 84, 2021.

STUART, Jaimee; JOSE, Paul. The protective influence of family connectedness, ethnic identity, and ethnic engagement for New Zealand Maori adolescents. *Developmental Psychology*, [S. l.], v. 50, n. 6, p. 1817-1826, 2014.

SUMAÚMA. A força da juventude no movimento indígena. *Sumaúma - Vozes da Floresta*, Brasília, 12 maio 2023. Disponível em: <https://sumauma.com/a-forca-da-juventude-no-movimento-indigena/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

SWANSON, Kate. 'For every border, there is also a bridge': overturning borders in young Aboriginal peoples' lives. *Childrens geographies*, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 429-436, 2010.

SWEMMER, Louise; TALJAARD, Sandra. SANParks, people and adaptive management: Understanding a diverse field of practice during changing times. *Koedoe*, Cabo, v. 53, n. 2, p. 199-205, 2011.

TEIXEIRA, Rosimar Miranda; SANTOS, Isabel Cristina dos; OLIVEIRA, Edson Aparecida de Araújo Querido. Educação sistematizada: a morte lenta da cultura Parakanã. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 16, n. 50, 2009.

TENORIO, María Cristina. Escolaridad generalizada: ¿inclusión social o pérdida de la identidad cultural? *Revista de Estudios Sociales*, Bogotá, n. 40, p. 57-71, 2011.

THERON, Linda; MAMPANE, Motlalepule Ruth; EBERSÖHN, Liesel; HART, Angie. Youth resilience to drought: learning from a group of South African adolescents. *International Journal Environmental Research Public Health*, [S. l.], v. 17, n. 21, 7896, 2020.

TREVES, Adrian; SANTIAGO-ÁVILA, Francisco; LYNN, William. Just preservation. *Animal Sentience*, [S. l.], v. 27, n. 1, 2019.

ULTURGASHEVA, Olga; RASMUS, Stacy; WEXLER, Lisa; NYSTAD, Kristine; KRAL, Michael. Arctic indigenous youth resilience and vulnerability: Comparative analysis of adolescent experiences across five circumpolar communities. *Transcultural psychiatry*, [S. l.], v. 51, n. 5, p. 735-756, 2014.

URTEAGA, Maritza Castro Pozo. Jóvenes e indios en el México contemporáneo. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 667-708, 2008.

VÁSQUEZ, Jorge Daniel. El saber sobre los otros planteamientos conceptuales para la

investigación con jóvenes indígenas. *Ultima década*, [S. l.], v. 21, n. 38, p. 67-88, 2013.

VIRTANEN, Pirjo. Amazonian native youths and notions of indigeneity in urban areas. *Identities-global studies in culture and power*, [S. l.], v. 17, n. 2-3, p. 154-175, 2010.

VIRTANEN, Pirjo. The urban machinery youth and social capital in western Amazonian contemporary rituals. *ANTHROPOS*, [S. l.], v. 101, n. 1, p. 159-167, 2006.

VITTI, Vaneska Taciana; JUNQUEIRA, Carmen. Jovens Kamaiurá no século XXI. *Cuicuilco Revista de Ciências Antropológicas*, [S. l.], v. 22, n. 62, p. 61-74, 2015.

WALLS, Melissa; WHITBECK, Les. The intergenerational effects of relocation policies on indigenous families. *Journal of Family Issues*, [S. l.], v. 33, n. 9, p.1272-1293, 2012.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

WEBB, Andrew. Re-working everyday concepts of civic virtue and ethnic belonging among indigenous youth in Chile. *Journal of Youth Studies*, [S. l.], v. 17, n. 6, p. 717-732, 2014.

WEBB, Andrew. Negotiating optimum distinctiveness: cognitive tendencies toward primordialism among Mapuche youth. *Ethnic And Racial Studies*, [S. l.], v. 36, n. 12, 2013.

WEBB, Andrew; SEPULVEDA, Denisse. Re-signifying and negotiating indigenous identity in university spaces: a qualitative study from Chile. *Studies in higher education*, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 286-298, 2020.

WELCH, James. Learning to hunt by tending the fire: Xavante youth, ethnoecology, and ceremony in central Brazil. *Journal of Ethnobiology*, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 183-208, 2015.

WELCH, James. Xavante ritual hunting: anthropogenic fire, reciprocity, and collective landscape management in the Brazilian cerrado. *Human Ecology*, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 47-59, 2014.

WEXLER, Lisa; JOULE, Linda; GAROUTTE, Joe; MAZZIOTTI, Janet; HOPPER, Kim. "Being responsible, respectful, trying to keep the tradition alive:" Cultural resilience and growing up in an Alaska native community. *Transcultural Psychiatry*, [S. l.], v. 51, n. 5, p. 693-712, 2014.

WEXLER, Lisa. Looking across three generations of Alaska Natives to explore how culture fosters indigenous resilience. *Transcultural Psychiatry*, [S. l.], v. 51, n. 1, p. 73-92, 2014.

WEXLER, Lisa; MOSES, Joshua; HOPPER, Kim; JOULE, Linda; GAROUTTE, Joseph; LSC CIPA Team. Central role of relatedness in Alaska native youth resilience: preliminary themes from one site of the Circumpolar Indigenous Pathways to Adulthood (CIPA) study. *American Journal of Community Psychology*, [S. l.], v. 52, n. 3-4, p. 393-405, 2013.

WEXLER, Lisa; POUDEL-TANDUKAR, Kalpana; RATAJ, Suzanne; TORUT, Lucas; POUDEL, Krishna; WOODS, Michele; CHACHAMOVICH, Eduardo. Preliminary evaluation of a school-based youth leadership and prevention program in rural Alaska native communities. *School Ment Health*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 172-183, 2017.

WYMAN, Leisy. Indigenous Youth Migration and Language Contact. *International Multilingual Research Journal*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 66-82, 2013.

YUNITA, Sekar; SORAYA, Emma; MARYUDI, Ahmad. “We are just cheerleaders”: Youth's views on their participation in international forest-related decision-making fora. *Forest Policy and Economics*, [S. l.], v. 88, p. 52-58, 2018.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Construções Sociais da Infância e da Juventude. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 28, 2007.

### **Sobre as autoras:**

**Carina Catiana Foppa:** Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no Setor de Educação, e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMade/UFPR). Coordenadora do Grupo de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) Nhembo'ea – Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais e Interculturais com Povos e Comunidades Tradicionais. **E-mail:** ccfoppa@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-8338-9282>

**Liz Meira Goés:** Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná (PPGMade/UFPR). Assessora da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY). **E-mail:** liz.mgoes@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-9241-8767>

**Francilene de Aguiar Parente:** Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora de Antropologia da Faculdade de Etnodiversidade da UFPA, Campus Universitário de Altamira, e docente permanente nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA) e Educação Escolar Indígena, oferecido em associação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e Universidade

Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Uma das líderes do Grupo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (GEABI/UFPA). **E-mail:** faparente@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-2740-9343>

Recebido em: 12/10/2023

Aprovado para publicação em: 10/02/2026